

“Esta é a tua mãe”: Maria em nosso caminho para a santidade

Como as mães costumam fazer, Maria passa à nossa frente no caminho. Ela advinha aquilo de que necessitamos, e o prepara para nós, muitas vezes de modo tão discreto que nem sequer percebemos.

26/09/2025

“Esta é a tua mãe” (Jo 19, 27). Quando Jesus, agonizante na cruz, dizia isso a

São João e a Santa Maria, estava revelando a eles algo muito profundo, real: uma dessas “coisas que estavam ocultas desde a criação do mundo” (Mt 13, 35). Jesus não lhes estava dando títulos honoríficos: Maria é realmente nossa Mãe, e nós *somos* seus filhos.

“A maternidade de Maria, através do mistério da Cruz, deu um salto impensável: a mãe de Jesus tornou-se a nova Eva, porque o Filho a associou à sua morte redentora, fonte de vida nova e eterna para cada homem que vem a este mundo”^[1]. Naquele momento solene e doloroso, Jesus mostra até onde chega o dom infinito que nos concedeu ao encarnar. Deus não faz as coisas pela metade: onde entra, vai até o fim. Entrou em nossa humanidade e a preencheu com suas bênçãos; e dentre elas uma das maiores é a de sermos, com Ele, filhos daquela que é bendita entre todas as mulheres (cf. Lc 1, 42).

Assim como seria um equívoco ver na Ascensão um Jesus que se afasta, e reduzir os sacramentos a um consolo para essa distância, seria também equivocado pensar que, depois da Assunção de Maria aos céus, sua presença maternal não fosse a mesma de quando vivia nesta terra. “Maria é elevada em corpo e alma à glória do céu e com Deus e em Deus é rainha do céu e da terra. Porventura, está tão distante de nós? É verdadeiro o contrário. Precisamente porque está com Deus e em Deus, está pertíssimo de cada um de nós. Quando estava na terra podia somente estar perto de algumas pessoas. Estando em Deus, que está próximo de nós, que está no ‘interior’ de todos nós, Maria participa nesta aproximação de Deus. Estando em Deus e com Deus, está perto de cada um de nós, conhece o nosso coração, pode ouvir as nossas orações, pode ajudar-nos com a sua bondade materna”^[2].

O Evangelho nos conta poucos detalhes da vida de nossa Mãe, mas cada um deles está carregado de sentido para seus filhos: cada um é uma janela pela qual podemos ver a sua vida e a sua pessoa, para amá-la mais e para saber-nos cada vez mais seus filhos. Ao meditar nestas passagens, podemos descobrir em Nossa Senhora três atitudes fundamentais: Maria *acolhe* Cristo, *contempla*-o e o *entrega*. E, nessa proximidade de Deus, ela exerce agora sua maternidade levando-nos por esse mesmo caminho: com Maria vamos, e voltamos a Jesus^[3]. E, com ela também, nós o levamos a todos.

Assim é, e assim seja

Naquele dia aparentemente igual aos outros, em Nazaré, Santa Maria não podia imaginar até que ponto o seu *fiat* iria se converter no maior ato de fé e de obediência da história. O verbo com que Maria responde ao

anjo, e que se traduz como *fiat* ou “faça-se”, aparece no original grego de São Lucas (*génoito*) em um modo verbal que expressa a urgência do coração para que algo aconteça (cf. Lc 1, 38). De fato, porém, nossa Mãe não disse nem *fiat* nem *génoito*. A palavra que, nos lábios de Maria, corresponderia mais exatamente a essa expressão é “amém”. Um judeu dizia isso quando queria dizer a Deus “sim, assim seja”. A raiz desta palavra hebraica significa solidez, convicção interior: confirma o que foi dito como palavra firme, estável, vinculante. Sua tradução exata é: “Assim é e assim seja”^[4].

A acolhida de Maria não se reduz a um instante isolado em sua vida: trata-se de uma disposição constante. Desde a visita do anjo até a cruz, seu coração permanece atento à vontade de Deus. “Toda sua vida foi uma peregrinação de esperança junto ao Filho de Deus e seu; uma

peregrinação que, através da cruz e da ressurreição, fê-la alcançar a pátria, o abraço de Deus”^[5]. Quantas vezes o Senhor nos pede, também a nós, coisas que necessitam de nosso pessoal “*Amém, faça-se em mim segundo tua palavra*”. Quantas vezes Ele está nos esperando com os braços abertos, como um pai que se agacha e chama seu filho pequeno.

Deixamos que Ele entre sem reservas em nossos pensamentos, em nossas decisões e em nossas ações?

Deixamo-nos abraçar por Ele?

Não é por acaso que, ao receber o corpo eucarístico de Cristo respondamos “Amém”: assim como Maria acolheu o Verbo para que se fizesse carne em seu seio, nós também o acolhemos para que cresça e viva em nós. “Há, pois, uma *analogia profunda* entre o *fiat* pronunciado por Maria às palavras do Anjo e o *amém* que cada fiel diz quando recebe o corpo do Senhor”^[6].

Vamos recebê-lo com ela, com a “pureza, humildade e devoção” com que nossa mãe o recebeu naquela primeira vez, e sempre.

Unir tudo no coração

A contemplação é outra das atitudes fundamentais na vida de Maria, e nossa Mãe também quer nos levar por esse caminho. “Ser contemplativo não depende dos olhos, mas do coração. E nisto entra em jogo a oração, como um ato de fé e amor, como “respiração” da nossa relação com Deus”^[7] Nos Evangelhos, Maria pronuncia muito poucas palavras em comparação com o papel que tem nos diferentes episódios. Desde a visita dos pastores em Belém até a cruz, Maria guarda e medita em seu coração os mistérios de seu Filho (Lc 2, 19).

No silêncio de Nazaré, na oração em Caná, durante a vida pública, vemos uma Mãe que medita, que observa e

que se deixa transformar pela presença de Jesus. No caminho rumo ao Calvário é fácil imaginar o encontro entre a Mãe e o Filho, quando “com imenso amor, Maria olha para Jesus, e Jesus olha para sua Mãe; os olhos de ambos se encontram, e cada coração derrama no outro a sua própria dor”^[8]. E na manhã luminosa da Ressurreição, inundada pela glória do Ressuscitado, ela antecipa o resplendor da Igreja^[9], que vive também em “seus membros frágeis (...). Muitos deles são mulheres, como a idosa Isabel e a jovem Maria; mulheres pascais, apóstolas da ressurreição”^[10].

O olhar contemplativo, essa “respiração” da alma, permite-nos ir compreendendo pouco a pouco o sentido do que acontece em nossa vida, e o que Deus espera de nós. “É isso que o Evangelho exprime no olhar de Maria, que olhava com o

coração. (...) No Evangelho, a melhor expressão do que pensa o coração é oferecida por duas passagens de São Lucas que nos dizem que Maria ‘guardava (*synetérei*) todas estas coisas, ponderando-as (*symbállousa*) no seu coração’ (cf. *Lc* 2, 19.51). (...) e o que ela guardava não era apenas ‘a cena’ que via, mas também o que ainda não compreendia, conservando-o presente e vivo, na esperança de unir tudo no seu coração”^[11].

Como filhos pequenos que, às vezes, não conseguem realizar uma tarefa difícil, podemos contar sempre com nossa Mãe para que nos guie neste caminho da contemplação. “Maria fala conosco, fala a nós, convida-nos a conhecer a palavra de Deus, a amar a palavra de Deus, a viver com a palavra de Deus, a pensar com a palavra de Deus”^[12]. Se deixarmos que nos tome pela mão, ela nos dará paciência com as coisas que não

entendemos, e irá nos ajudar a ir unindo os pontos aparentemente desconexos, como nesses desenhos em que a figura só aparece no final de um paciente traçado.

Sempre entregando a Jesus

Desde o princípio de sua vocação materna, Maria entende que Jesus é um tesouro para compartilhar com todos: o Senhor fez “grandes coisas” nela (Lc 1, 49). Não para sua glória pessoal, mas para o bem da humanidade inteira. A alegria do *Magnificat* reflete uma profunda experiência de filiação divina: Maria percebe o imenso amor do Pai, que se inclina sobre ela, confiando-lhe o que tem de maior, o Filho amado. Ela se descobre cheia de Deus, do amor de Deus, mais do que nenhum outro ser humano antes e depois dela. E essa abundância a impele a levar todos a Jesus.

Maria está sempre entregando o seu Filho: oferece-o, criança, aos pastores e aos Magos (cf. Lc 2, 16-20; Mt 2, 10-11); coloca-o nos braços de Simeão e Ana (cfr. Lc 2, 25-38); deixa-o tão “solto” que até o perde em Jerusalém; “provoca” o milagre em Caná, e coloca cada um à escuta do que Ele nos diga (cf. Jo 2, 3-5); deixa que Jesus se ocupe de sua missão, embora os parentes reclamem (cf. Mt 12, 46-50); aceita a vontade do Pai e, ao pé da cruz, entrega-se com Jesus à humanidade inteira (cf. Jo 19, 25). E é fácil imaginar as conversas, repletas de Jesus, que ela teria com os discípulos depois da Ascensão... As mesmas que deseja ter conosco, e com todos os que, como o discípulo amado, a acolhem em sua casa e em suas coisas (cfr Jo 19, 27).

Cada um é filho a seu modo

Certa vez, São Josemaria recordava uma visita que fez a Sevilha em uma

Semana Santa: “Saí para a rua quando as confrarias já se encontravam lá... E quando vi toda aquela gente, aqueles homens piedosos na procissão que iam acompanhando a Virgem, pensei: isto é penitência, isto é amor. Era muito bonito. Depois, quando vi...não sei qual altar era, não recordo qual imagem da Virgem... As joias, as luzes, eram o de menos... O importante era o amor, os cantos típicos, os galanteios: tudo! Eu estava lá, olhando-a, e comecei a fazer oração.... Fui à lua. Vendo aquela imagem da Virgem tão linda, nem percebi que estava em Sevilha, nem na rua. E alguém me tocou no ombro. Voltei-me e vi um homem do povo, que me disse: ‘Senhor cura, esta não vale *ná*: a nossa é a que vale!’ De início quase me pareceu uma blasfêmia. Depois pensei: ele tem razão; quando eu mostro fotografias de minha mãe, embora

goste de todas, também digo: esta, esta é boa”^[13].

Cada um de nós pode ter uma foto “boa” de sua Mãe celestial: não se trata necessariamente de uma imagem, mas sim de um modo muito pessoal de falar-lhe, de amá-la, de confiar a ela o que nos enche o coração. “Cada cristão pode, olhando para trás, reconstruir a história de suas relações com a Mãe do Céu. Uma história na qual há datas, pessoas e lugares concretos, favores que reconhecemos como vindos de Nossa Senhora, e encontros carregados de um sabor especial. Percebemos que o amor que Deus nos manifesta através de Maria tem toda a profundidade do divino, e ao mesmo tempo, a familiaridade e o calor próprios do que é humano”^[14].

Como as mães costumam fazer, mas de um modo ainda mais sutil, Maria se adianta a nós no caminho. Ela

adivinha do que necessitamos, e o prepara, muitas vezes de modo tão discreto que nem sequer percebemos. E embora fique muito feliz que lhe agradeçamos esses cuidados de mãe, não deixa de cuidar de nós, mesmo que não o façamos. Santa Maria, sabemos que você o fará, mas nos faz tanto bem pedir outra vez: *iter para tutum*, prepare-nos um caminho seguro.

^[1] Leão XIV, Homilia, 9/06/2025.

^[2] Bento XVI, Homilia, 15/08/2005.

^[3] Cfr. São Josemaría, *Caminho*, n. 495

^[4] Cfr. R. Cantalamessa, *L'anima di ogni sacerdozio*, Ancora, Milão 2014, p 53.

^[5] Leão XIV, Ângelus, 15/08/2025.

^[6] São João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 55

^[7] Francisco, Audiência, 5/05/2021.

^[8] São Josemaria, *Via Sacra*, 4^a estação

^[9] Cfr. Sedulio, *Carmen paschale*, 5, 358-364

^[10] Leão XIV, Homilia, 15/08/2025

^[11] Francisco, *Dilexit nos*, n. 19

^[12] Bento XVI, Homilia, 15/08/2005

^[13] Palavras de São Josemaria que constam em A. Sastre, *Tempo de Caminhar*, Quadrante.

^[14] São Josemaria, “Recuerdos del Pilar, em Escritos Vários: Edición crítico-histórica, Rialp, Madri 2018, p 275.

Giovanni Vassallo – Carlos Ayxelà

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/esta-e-a-tua-
mae-maria-em-nosso-caminho-para-a-
santidade/](https://opusdei.org/pt-br/article/esta-e-a-tua-mae-maria-em-nosso-caminho-para-a-santidade/) (24/01/2026)